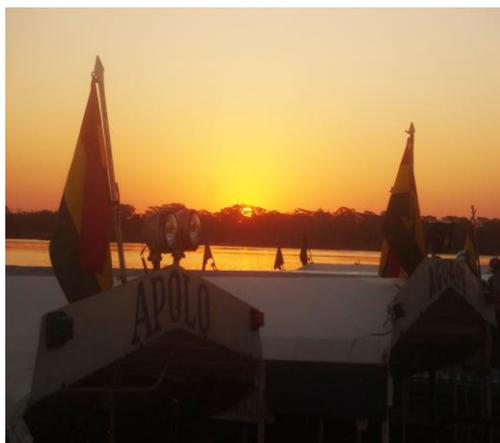


6ª Estação de Comunic-Ação GUAJARÁ-MIRIM - RO

NA FRONTEIRA DO BEM-VIVER

**Déa S Melo
Agosto/2014*



E agora? Estamos exatamente numa fronteira entre países; qual linguagem humana presente nas tradições desses povos possibilita a afirmação de suas identidades, a comunicação criativa e ao mesmo tempo integradora entre eles?

São aproximadamente 330 km entre a cidade de Porto Velho e Guajará-Mirim conhecida como a Pérola do Mamoré, às margens do rio de mesmo nome no estado de Rondônia. Não mais que dez minutos de travessia à

bordo de uma voadeira, separam as consideradas “cidades gêmeas” Guajará-Mirim no Brasil Guayaramirim na Bolívia.

Chegamos aqui para vivenciar mais uma forte tradição do Divino Espírito Santo no Norte do Brasil; dessa vez no Vale do Guaporé. Como era de se esperar, aqui a história é outra, pois quando se trata de cultura popular tradicional, tem novidade na certa, daquelas que estimulam a nossa curiosidade e as mais profundas necessidades de inventar e reinventar a vida. O Seu Eurico Evangelista Coelho, devoto ativo na organização da festa, nos conta com detalhes e nos mostra como se dá essa manifestação nas entranhas das águas do Vale do Guaporé e os efeitos dessa vivência no cotidiano e na vida das pessoas.

Para começar, a população rondoniense é uma das mais diversificadas do Brasil, composta por migrantes vindos de todas as regiões. Um estado banhado por grandes rios pertencentes à bacia do Madeira, afluente do Amazonas. E Guajará-mirim é uma das cidades mais antigas; tem sua história intimamente ligada à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que funcionou de 1929 a 1970, para transportar a borracha.

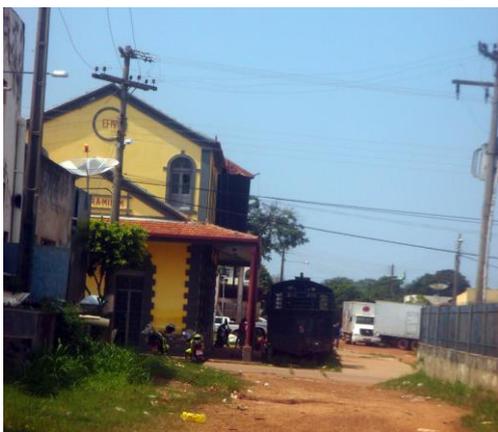
No Vale do Guaporé, o que define a manifestação do Divino Espírito Santo, são as águas. As procissões de cidade em cidade acontecem no batelão, espécie de embarcação, na qual os 12 romeiros também chamados de remeiros e mais uma

equipe de 18 pessoas com funções distintas, cumprem toda uma ritualística que vai desde as remadas levantando a água para o alto como símbolo do batismo, até reverências à lua crescente, que eles chamam de três meias-luas na frente da comunidade onde vai acontecer a festa, simbolizando o Pai, o Filho e o Espírito Santo,. As cores além das tradicionais branca e vermelha do Divino, também está presente a azul, simbolizando o céu, que juntamente com a água, compõe o cenário e o imaginário desta manifestação. Para



completar, além da bandeira do Divino, outras duas seguem na proa – a brasileira e a boliviana, já que o Divino ancora dos dois lados dos países, conta com orgulho, Seu Eurico.

Aqui alcançamos uma das questões-chave sobre a cultura e a identidade amazônicas numa região de fronteira com outro país, no caso a Bolívia. Guajará-Mirim e Guayaramirim estão irremediavelmente juntas e misturadas, até no nome, o que uma separa a outra reúne; é como no ritmo natural da interdependência das relações sejam pessoais, sociais, econômicas, políticas, culturais e até biológicas. Chego à Guajará-Mirim justamente no dia 06 de Agosto, feriado por conta da proclamação da independência da Bolívia, do poder espanhol; ou seja, a cidade já incorporou a data no seu calendário e é o dia inteiro de festa com muita cultura tradicional; as voadeiras não param, travessia para lá e para cá sem parar.



Tudo começa nos rígidos e históricos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, durante as negociações para a utilização dos rios de fronteira por parte da Bolívia, nos idos de 1867. É um exemplo concreto de que as fronteiras territoriais que foram criadas para delimitar as bases físicas e políticas, determinar a autonomia e a soberania dos estados e das nações na sociedade atual, não precisam restringir e separar as relações de boa vizinhança, de

convivência, diálogo, troca e partilhas entre os povos, a ponto de comprometer inclusive, o pleno exercício da cidadania e da paz.

O mestre de cultura e benzedor, Sinforoso Arza Gualasua pode ser considerado uma referência de quem traz consigo essa compreensão e coloca em prática. É um boliviano de 70 anos de idade, radicado do lado brasileiro desde os 17 e após a morte dos pais no início da década de 80, realiza anualmente de 25 para 26 de Julho, a festa dedicada aos avós e as avôs, conforme aprendeu com seus antepassados. A festa acontece há mais de 300 anos na Bolívia em homenagem a São Joaquim e Santana, tidos como os avós de Jesus, segundo a tradição Cristã.

Seu Sinforoso conta que por aqui, tudo acontece graças ao jeito brasileiro de ser - doações de alimentos para a ceia, tecidos para os trajes típicos das mulheres e máscaras que os homens usam na Dança dos Toritos ou El Torito, o tourinho em espanhol. A hora dos Toritos é a mais esperada, reúne todas as gerações avôs, avós, filhos e netos tornando esse festejo, um poderoso instrumento de socialização e hibridismo cultural na Amazônia, entre os povos andinos e brasileiros.

As mulheres, usam vestidos e chapéus de camponesas, enfeitados de formas diversas com fitas coloridas; os homens, colocam a máscara do torito e um chocalho nas pernas; e a dança parece ensinar com simplicidade e alegria o jeito de alcançar essa integração entre as culturas e sobretudo entre as pessoas, principalmente no movimento das mulheres. De mãos dadas, em círculo ou em linha, elas balançam os braços para frente e para trás, como se fossem barquinhas de balanço – brinquedo muito presente nos arraiais das pequenas cidades ribeirinhas na região Norte. Enquanto os homens soltos no meio delas, fazem gracejos e movimentos, como pequeno touros soltando tanto a cabeça, quanto com o corpo inteiro; o que para a racionalidade masculina diga-se de passagem é um ótimo e indicado exercício de integração entre a mente e o coração; sua inteireza.

Essa irmandade entre Bolívia e Brasil não acaba aí; chega também ao paladar. Em Guajará-Mirim, temos à disposição, deliciosas saltenhas, uma espécie de pastel que vem recheado de frango desfiado e um caldo dentro muito bem temperado. Para beber, a chicha - um suco feito do milho duro que o



Mestre Sinforoso Gualasua





casal de brasileiros, Delmira Santiago e Edmundo Flores, fazem questão de produzir artesanalmente, batido no pilão, peneirado, cozido, coado em pano de algodão e temperado com folha de figo ou canela e adoçado a gosto; um verdadeiro néctar e para as mulheres que estão amamentando, dizem ser um potente estimulante para a produção de leite. Vale registrar também o Marradito, uma espécie de arroz de

carreiro refinado – arroz cozido com carne seca ou jabá, banana comprida frita e para completar, a irresistível forofinha de mandioca para brasileiro nenhum botar defeito. Independentemente das dietas alimentares, que cada vez mais nos oferecem cardápios diversificados, com ou sem a utilização de carnes, a alimentação certamente é um elemento fundamental para o fortalecimento de nossas raízes, real e simbolicamente.

Saímos daqui com a certeza de que precisamos ir além das fronteiras demarcadas nos mapas; que é uma atitude inteligente parar de insistir em separar, o que por natureza é inseparável. Os costumes, as culturas e até as crenças podem ser diferentes e é prudente e aconselhável que assim sejam cultivadas, pelo bem da estética criativa e da ética sustentável. É o lugar propício para colocar em prática um conceito que os povos andinos, tão sabiamente chamam de *bem-viver*, que é diferente de qualidade de vida, pois não está sustentado no paradigma da produção e do consumo indiscriminados.



Para os andinos, o *bem-viver* é um conceito tão fundamental, que está presente até na constituição, tanto da Bolívia, quanto do Equador e preconiza basicamente, sabedoria. Sabedoria para comer e beber, sem agredir o próprio corpo e o corpo da Mãe Terra; para falar construtivamente, atingindo o coração do outro; para escutar não só com os ouvidos, mas com o corpo inteiro, pois todos os seres enviam mensagens; para pensar, mais com o coração do que com a cabeça; para meditar guardando tempos de silêncio e introspecção; para caminhar, pois nunca caminhamos sós, mas com o sol, a lua e acompanhados pelos nossos ancestrais; para trabalhar como autorealização e não como um fardo; para amar e ser amado - reciprocidade; e até para saber dançar no ritmo

da natureza e do universo; por fim dar e receber, pois a vida surge da interação dessas forças.

Reaprender a fazer alianças interculturais entre os povos, mais do que um meio de fortalecimento e reconhecimento de suas raízes ancestrais; é também um instrumento de preservação da natureza e de ampliação dos territórios não só geográficos, mas também mentais, para compreendermos que afinal de contas a terra não tem dono; que as águas do rio Mamoré não separam as cidades gêmeas; ele as une como um tecido forte e fluido, no qual podemos navegar com o Divino Espírito Santo e aportando em terras sem fronteiras, também dançar El Torito, para urgentemente recuperar a Cultura da Vida e recordar como é bom *bem-viver*.



Ipê Amarelo
Primavera desabrochando em Guajará-Mirim

Fotos: Déa S Melo

Referência sobre o Bem-Viver: Bem-Viver: Germinando alternativas ao desenvolvimento; Eduardo Gudynas

Consulta: O bem-viver dos povos andinos: a sustentabilidade desejada – Leonardo Boff

.....

* Paraense; Comunicadora Social; Jornalista; Arteducadora; Pesquisadora das Danças Sagradas e Tradições dos Povos como meios de comunicação; Criadora da metodologia Comunic-Ação Criativa (<http://comunic-acaocriativa.blogspot.com.br/p/inicio.html>) contatos: deasmel@gmail.com

Este projeto foi contemplado pelo
Programa Amazônia Cultural 2013

